

Convergências de outros tempos junta Pacheco e esquerdas

Evocação. 40 anos do Congresso da Oposição Democrática serão comemorados em Aveiro. Sem pretensão de fazer diálogos à esquerda, mas recordando altura em que correntes políticas distintas se entenderam com objetivo comum

MIGUEL MARUJO

“Não tem nenhuma pretensão de fazer diálogos à esquerda, muito menos será um novo encontro de esquerdas” aquilo que acontecerá em Aveiro, a 7 de dezembro. Mas a evocação dos 40 anos do III Congresso da Oposição Democrática será um pretexto, reconhece Miguel Cardina ao DN, da comissão organizadora, para discutir o seu legado.

O que nos ensina esse Congresso, questiona-se o investigador do Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra. “Foi um momento em que correntes políticas distintas convergiram para encontrar formas de entendimento comum sobre a ditadura e a Guerra Colonial, à luz de um espírito unitário.”

É esta explicação que ajuda a enquadrar a composição de uma mesa que vai discutir a “situação política atual”. O teólogo dominicano Bento Domingues, ex-líder da CGTP, Manuel Carvalho da Silva, o politólogo e antigo dirigente socialista, Pedro Adão e Silva, o eurodeputado e fundador do Partido Livre, Rui Tavares, e Tatiana Moutinho, do movimento “Que Se Lixe a Troika!”, representam percursos diversos que vão “pensar o País hoje”. “São pessoas interessadas e com a noção de que há uma urgência de alternativas sociais e políticas”, apresenta-as Miguel Cardina.

A evocação justifica-se, “nos dias de hoje, por ter sido um momento importante”, regista o investigador ao DN. Mas será ainda oportunidade para uma “reflexão historiográfica desse período, do que representou o Congresso da Oposição Democrática, no quadro das oposições e do regime” do Estado Novo – e é aqui que entra o historiador José Pacheco Pereira, militante do PSD, que participou há 40 anos no Congresso de Aveiro e esteve na semana passada no chamado encontro das esquerdas, promovido por Mário Soares, na Aula Magna.

Por fim, “há uma dimensão cívica”, com a



ANGÉLO LUCAS/GLOBAL IMAGES

Rui Tavares critica partidos que se tornaram “unipessoais”

EUROPEIAS O fundador do Partido Livre esteve ontem na Fundação Calouste Gulbenkian para a apresentação do livro *Sociedade dos Ecrãs*, de Gustavo Cardoso, onde estiveram também José Magalhães, antigo deputado socialista, e José Pacheco Pereira. Ao DN, Rui Tavares desvalorizou a questão do número de militantes até agora inscritos – entre

eles André Barata e Renato do Carmo –, lembrando que muitos partidos “começaram como coletivos e acabaram unipessoais.” O ex-BE negou, também, qualquer possibilidade de acordo com o PS nas próximas eleições europeias, já que o objetivo “é lançar as bases” para que, no futuro, o partido possa ambicionar a um papel governativo.

reflexão sobre o legado do encontro, na referida mesa, que será moderada por João Salis Gomes, do ISCTE.

O encontro de comemoração dos 40 anos já não será no original Cine-Teatro Avenida (hoje reduzido a espaços comerciais e de serviços), localizado na principal avenida de Aveiro, tendo sido transferido para o campo universitário. Por ali passarão testemunhos

de quem viveu aqueles dias de 4 a 8 de abril de 1973 (ver texto secundário): José Manuel Tengarrinha, professor e antigo deputado do MDP/CDE, Vítor Dias, do PCR, mas também de figuras avejrenses que evocarão nomes da oposição democrática local, como Mário Sacramento e Seica Neves, numa mesa moderada pela historiadora Irene Pimentel.

A mesa da reflexão historiográfica, onde se

sentará Pacheco Pereira, conta ainda com a participação de Fernando Rosas, Luís Reis Torgal e Luísa Tiago de Oliveira, todos eles historiadores.

Da história virá ainda uma exposição virtual sobre o congresso de abril de 1973. Rui Bebbiano, do Centro de Documentação 25 de Abril – Universidade de Coimbra, fará de guia dessa mostra.

De quando voou uma cadeira em resposta a um muro

MEMÓRIA “Estávamos todos na avenida principal de Aveiro, diante da polícia de choque, na garagem, nos telhados e nos quintais da rua paralela. Quem lá esteve conhece este trajeto.” Estes trajetos foram recordados por Pacheco Pereira, no seu blogue Abrupto, em junho de 2004, quando relatava o fim do III Congresso da Oposição Democrática, a 8 de abril de 1973. Mas antes da investida policial sobre todos, o historiador lembrava como tinha conhecido “à pancada” Lino de Carvalho, comunista, já morto e que seria deputado depois do 25 de Abril pelo PCP. “A cena era típica do ambiente que se vivia entre os co-

munistas e os esquerdistas nesses anos de fim de ditadura”, escreveu Pacheco. “De repente, sem perceber como, desatou tudo à pancada. Eu estava na primeira ou na segunda fila, logo calhou-me de frontar a mesa, logo o Lino de Carvalho que não era para brincadeiras. Daí o muro (dele) e a cadeira (minha). Depois, de um momento para o outro, tudo acabou, sem também se perceber como”, contou. “Muitos anos depois, quando conheci o Lino de Carvalho na Assembleia, recordámos essa cena, com o olhar mais pacífico que a vida e a liberdade entretanto nos dera.” M.M.



Polícia de choque investe na principal avenida de Aveiro sobre os participantes do Congresso (entre os quais Maria Barroso) que tinham saído à rua